

O que eu aprendi hoje na escola de educação infantil?

Cisele Ortiz e Débora Zoia ¹

Eu aprendi a abotoar o meu casaco!



Observem a carinha de satisfação ! Alguém duvida ?

Por que ainda hoje, para muitas pessoas, o cuidado e o autocuidado não têm a mesma importância do que saber os nomes dos dinossauros, fazer desenhos figurativos ou reconhecer o seu nome na roda de crachá?

Um professor pode se perguntar: - Coloco na minha rotina o tempo necessário para a criança aprender a se cuidar? Quanto tempo leva para abotoar um casaco? O tempo que for preciso para a criança. *“Take your time”* é uma expressão que sempre aparece em filmes da língua inglesa nas situações em que as pessoas precisam pensar ou fazer alguma coisa. Em uma tradução literal pode significar: “faça no seu tempo” ou “use o tempo que precisar”, o seu tempo. Parece-nos um comentário respeitoso e acolhedor.

Entendemos, de verdade, qual é o tempo necessário para cada criança cumprir uma tarefa, seja ela qual for? Se olharmos com vontade de colocar a criança como protagonista de sua própria aprendizagem, poderemos, em nossa rotina, readequar os tempos necessários para que as crianças cumpram suas tarefas de forma organizada e consigam chegar ao fim. Neste caso, a tarefa foi autoimposta pela criança e isso acontece muitas vezes na escola, querer fazer sozinho para conhecer a si mesmo e suas capacidades.



¹ Cisele Ortiz coordenadora adjunta do Avisa Lá e Débora Zoia professora de crianças de 3 a 4 anos do Colégio Parthenon Vila Augusta

Desde bebê isso acontece, deslocar-se pelo espaço engatinhando em busca de seus interesses, pegar um objeto e esforçar-se para alcançá-lo, comer do seu jeito, com a mão ou tentando pegar a colher da mão do adulto para comer sozinho, experimentar essa liberdade o tempo todo.

Na idade de nosso personagem, colocar sua comida no prato e comer sozinho pode ser uma grande aprendizagem e também escrever por conta própria, deslocar-se na escola, indo ao banheiro e a outros ambientes. Num lugar protegido, como é a escola, a criança pequena vai ganhando confiança em si mesma e conquistando sua independência.

Veja bem, não queremos dizer com isso que a professora deixa a criança sozinha, a professora a apoia, observa, incentiva, reconhece suas conquistas genuinamente, oferece ajuda, se necessário.

E se colocar a casa e o botão em lugar errado?

Isso não é o mais importante. Aprender a abotoar pode ser muito importante, mas o orgulho da criança é poder fazer isso sozinha, chegar na tarefa até o fim. Aprender envolve tentativa e erro.

E ainda é possível haver solidariedade entre os parceiros; uma amiga ofereceu ajuda, ele não aceitou e ela continuou lá, dando apoio emocional; ela olhando para ele e para o que fazia, uma admiração pelo amigo e por sua conquista.



Talvez a amiga se aventure a abotoar seu próprio casaco da próxima vez em que precisar aquecer-se.

Nem sempre dá para aprender só olhando, mas a imitação é sempre positiva. É preciso treinar, pois o cuidado também é uma ação e um pensamento sensório motor e a repetição da ação leva a seu aperfeiçoamento. Não se apoia em uma prática social simplesmente, mas sim num modo ergonômico e rápido de executar uma ação. As crianças podem fazer de muitos modos diferentes. Elas não têm a destreza para abotoar, mas não existe um jeito certo, só um jeito habitual que nem sempre é o mais econômico (do ponto de vista do cérebro).

Talvez abotoar de baixo para cima, para eles que são iniciantes, seja mais fácil. Pode colocar mais perto dos olhos, segurar de forma mais leve... Pode segurar o botão e passar a casa por cima, o resultante é ter o casaco abotoado.



Como calçamos as meias e os sapatos? Meia, meia, sapato, sapato ou meia, sapato, meia, sapato? Começa pelo pé direito ou pelo esquerdo? Quando automatizamos o gesto não pensamos mais no que fazemos, simplesmente fazemos.

Não queremos dizer que a professora vai deixar a criança à deriva, é preciso saber diferenciar, por exemplo, a importância de ajudar a criança a se sentar de forma segura, sustentando a coluna, apoiando os dois pés no chão, ou ensinando o procedimento correto para se limpar após usar o banheiro, assim, como eles aprenderam a forma correta de lavar as mãos durante a pandemia.

Mas para elas ainda não é automático, precisam pensar na forma e nas decisões que estão tomando. Por isso não se trata apenas de abotoar um casaco, mas aprender a cuidar de si.



Precisamos tomar cuidado com as exigências que temos com as crianças, às vezes esquecemos que tudo para eles é novo; a maneira como os apoiamos em suas iniciativas pode ser uma experiência positiva ou negativa. Experiência é construir um saber, é ir se apropriando do cotidiano social. Não dá para imaginar que cuidar de si é intuitivo, mas também não é impositivo. Elas só precisam saber que confiamos nelas e que cuidar de si é um valor, por isso ocupa tempo na rotina, seja qual atividade for. Isso vale para todas as crianças!

Para saber mais leia o artigo do professor Lino de Macedo “A perspectiva de Piaget”, disponível em :

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_02_p047-051_c.pdf

Leia também os artigos da Revista Avisa lá:

Do meu nariz cuido eu!

<https://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/do-meu-nariz-cuido-eu-como-educar-para-os-cuidados-pessoais-num-ambiente-coletivo/>

Uma mão lava a outra

<https://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/uma-mao-lava-a-outra/>

Agradecemos as mães do Enzo e da Cecília, Mayara e Kelly, por terem autorizado o uso das imagens de seus filhos para compartilharmos nossas reflexões!

Veja a cena inteira

Descrição da cena: Nesse dia, Enzo, 3a9m, sem falar nada, veio ao meu encontro, mostrando o botão do seu casaco para que eu o ajudasse a abotoá-lo. Logo, a amiga Cecília, 3a2m, que é uma criança que sempre se coloca no papel de cuidar, veio ao nosso encontro e eu pedi para ele ver com ela, se conseguia ajudá-lo. Ele não aceitou a ajuda, falou: “Não!”, começando as suas tentativas de colocar o botão dentro da casa. A amiga permaneceu ao seu lado até o fim das suas ações, testemunhando o seu fazer. Não houve diálogo, nem desistência. Ao fim, eles olharam-se, como se ele quisesse mostrar que conseguiu, primeiro para ela, depois para mim.

